

O PONTO DE VISTA

E agora chove. Não faltava mais nada. Já é noite e tu aqui. Cuidado, espera, ainda não. E tu aqui, quase no outro extremo da cidade, sem conseguires dar um passo. Voltar para trás é pior. Tentar em baixo, no largo, demoraria mais tempo. Lá porque têm carro. Há quem se julgue com todos os direitos deste mundo só por ir ao volante dum carro. É como dantes. Exactamente como dantes. Não te enerves. Que importância é que tem? Que importância é que há-de ter um bigarrilhas, ou dezenas deles, para aqui à espera? À chuva? Porque está mesmo a chover e ninguém se rala, claro, por que se havia de ralar?

Vão-se acendendo as luzes, as lojas fecham, já não apanhas o Adriano. Fica para amanhã. Outra vez para amanhã.

A esta hora, a Joana há-de julgar que te aconteceu alguma coisa, sabes como ela é e tem razão. Ficou assim desde aquela vez, não há tanto tempo como isso, o relógio deixando cair as horas no silêncio da casa, uma hora, outra hora, as três, as quatro, as cinco, ela sentada ao lado do telefone, inventando outros motivos, acidentes. Não julga nada, não te enerves. Já não se passam coisas dessas. Estamos em Democracia.

Um pingo muito frio desprende-se-te do cabelo, escorre-te pela testa, pela cara, nem vale a pena limpá-lo. Os carros passam, espadanam água e lama.

Eu enervar-me? Nem há razão para isso. É um prazer vê-los rolar ininterruptamente, por trás dos vidros embaciados, a ouvir música, conversando, atirando cá para fora as pontas dos cigarros. Enquanto a gente espera, que é o nosso dever, esperar, deixar que eles passem, ainda por cima à chuva.

Dá mais um passo. Um passo apenas e toda esta gente aparentemente resignada te seguirá, vais ver. Cuidado. Olha o sinal vermelho para os peões. Ou queres ir parar ao hospital? Mas haviam de ver! Ao menos aprendiam! Aprendiam? O quê? Tu, sim, é que aprendias, atirado para uma maca até darem por ti, sem saberem quem és, no meio de outras macas com gente que geme ou espera silenciosamente sem também ninguém saber por enquanto quem é. Radiografias, dores, aparelhos de gesso, tu estendido, entretanto, até a ambulância chegar, neste chão encharcado. Rodeado de curiosos, não falta nunca quem goste de ver a desgraça alheia. Cuidado. Ainda não. Olha o sinal vermelho.

Talvez agora. Há qualquer dificuldade lá para a frente, algum que deixou ir o carro abaixo ou bateu noutro, aproveita. Oxalá batam todos uns nos outros, estão a meter segunda, vão parar. Espera lá que já param! Ah não param? Não te enerves. Ah não param?

Como forinigas espavoridas, as pessoas avançam, e tu com elas, provocam travagens bruscas, esgueiram-se, pulam, aquele não abranda nem que o matem, barafusta lá de dentro, aponta fulo não percebes para onde, talvez para o sinal, para algum polícia, está a dizer-te das boas com certeza. Agora, agora. Se não se faz assim, nunca mais se atravessa, eh seu palerma, sua besta. E atravessas mesmo.

Eis-te enfim do outro lado da rua, deste lado, no passeio repleto. Gente apressada, atrasada, irritada, a fugir à chuva, aos encontrões, com guarda-chuvas que empeçam noutros guarda-chuvas, acotovelando-se, furando, continuando até ao fim do quarteirão, onde novamente vai esperar.

Não calculavas andar tanto nem que o tempo se pusesse assim. Dás alguns passos, hesitante. Paras sob o abrigo frágil duma árvore. Pouco vês por entre a grande massa movediça e contínua. É para lá dela que está ou julgas estar o que te interessa. Para

lá deste caudal, rebanho desordenado, que visivelmente regressa do trabalho. Desta gente agitada, mas nem por isso menos conformada, encolhida nos abafos escuros, ensimesmada, pardacenta, de que emergem, a espaços, cores alegres, amarelos, azuis, verdes muito vivos, de impermeáveis transparentes. Raparigas tão novas e bem dispostas que acham graça (ainda acham graça, pensas tu) à chuva e aos empurrões do torvelinho que as arrasta. São alunas do ensino secundário? Empregadas?

Com a noite e a chuva, a rua parece outra. Como sempre pensas ao encontrares-te assim num bairro que mal conheces, quando, quebrada já a rotina da tarde e um pouco antes da tranquilidade da noite, em frente dos televisores, a multidão o transfigura, atirando-o para um destino, julgas tu, desconhecido. Sob o esplendor dos grandes anúncios luminosos já acesos, cedes à velha tentação de imaginar uma cidade aérea, devoradora e ao mesmo tempo aliciante nesse fundo de ti mesmo, onde ainda guardas, apesar de tudo e de tudo e de tudo, a palavra cidade.

Ou não será esta a rua? E terás de recomeçar a tua busca, mas agora ao contrário, voltar a atravessar o alcatrão, de novo imobilizado na beira do passeio, esperando que suas excelências passem ininterruptamente, salpicando-te, ignorando-te, senhores da rua e do destino dos outros? Que o sinal vermelho, já se sabe, para os peões leva mais tempo.

Mas não, caramba, não! Um choque de guarda-chuvas, levantando perdões mal-humorados, um ou outro «seu estupor», suspende tudo um só instante, bobina de filme que se encrava, e tu vês, por entre os braços um momento indecisos e erguidos, ligeiramente separados, mesmo na tua frente, encostado ao lancil, numa zona meio sombria porque os ramos das árvores interceptam a luz dos candeeiros bem mais altos do que elas, o longo corpo alvacentos e luzidio. Acolhedor. À tua espera. Ali, onde o deixaste.

Foi aqui mesmo afinal que o deixaste, tinhas perdido o Norte. Palpas no bolso as chaves, já com elas na mão atravessas o passeio, sem dares ouvido às pessoas que obrigas a parar, a desviar os guarda-chuvas, de novo senhor de ti. Abres a porta sem uma hesitação. E atiras-te lá para dentro com a felicidade intensa,

quase feroz, de quem alcança enfim o porto do seu destino. Que não é porto nenhum, senão de abrigo e transitório.

A chuva martela o tejadilho e o pára-brisas, mas não te toca já. Torna-se quase agradável ouvi-la e vê-la nesta espécie de lar, em que lentamente vais perdendo o cansaço e a irritação. Por que se enerva tanto a gente por uma ninharia?

Abres o rádio, acendes um cigarro. Bom. Contemplas, já sereno e distante, o bicho vivo a toda a volta. Essas inúmeras pessoas metendo-se por entre os carros, sem verem bem a que se arriscam e os sarilhos que podem arranjar a quem conduz, riscando-te com as varetas dos guarda-chuvas a pintura das portas, mesmo do tejadilho (podiam ter mais cuidado), as pessoas que a água, escorrendo continuamente nos vidros que se estão rapidamente embaciando, torna estranhas, onduladas, ondulantes, quase ridículas, avejões sem grandeza, gafanhotos, na pressa compreensível de quem volta do trabalho, e quer chegar depressa a casa, mudar de roupa, instalar-se. E estão no seu direito. Lá isso! Claro que estão no seu direito. Mas esta pressa toda, acha-la tu agora exagerada. Não é caso para tanta excitação.

Entre o teu carro e o estacionado à frente dele, como entre o teu e o de trás, há meio metro, se tanto. Cada um instala-se como pode, é o que é, os outros que se governem. Com a faixa de rodagem totalmente ocupada, esta chuva e a habitual indisciplina dos peões (como se não tivessem os passeios todos para eles!), é mais difícil sair daqui que atravessar a rua a pé. A Joana, aliás, sabe muito bem que, com o trânsito infernal a esta hora e ainda mais com uma chuva assim, é inevitável chegares tarde. Só não vai compreender que hajas falhado outra vez o Adriano. Julgará que o fizeste de propósito? Tanto não. Desconfiança muito vaga, sim, talvez. Porque o Adriano é para ela o Lemos de outros tempos. Que aparecia, noite dentro, só para dar um abraço, ficava meia hora, raramente uma hora, e adeus, até não se sabia quando. O romantismo desses tempos. Ela amou-o? Mesmo? Ou era só como ele? Uma amizade sem limites, que o tempo está contudo desgastando? Tudo desgasta o tempo. É o que pensas? Tudo desgasta o tempo?

Atenção. Acendem-se os faróis do carro atrás do teu. Vai sair! Prepara-te, pois, para ligares a ignição. Resta, porém, saber como o outro sairá sem te tocar. No pára-choques pelo menos.

Mas sai. Alívio. Felicidade. É um bom volante, com certeza. E, agora, à-vontade! És livre. Fazes marcha atrás bem devagar, com extremos de cuidado, não vá haver azar.

A chuva cai cada vez mais, quem havia de dizer? O vidro traseiro leva o seu tempo a desembaciarse como sempre e, como sempre, pouco bem.

E aí está ele, o azar: uma velha atravessando, de cabeça metida no guarda-chuva, precisamente no sítio para onde estás a recuar, ou seja, no teu espaço, por instantes este espaço é teu. Oh senhores! Esta gente parece que faz mesmo de propósito. Mal um carro começa a recuar, mete-se-lhe por trás que é uma beleza. Aqui não há passadeira. A mulherzinha é cega? Não vê os faróis de marcha atrás acesos? É para isso que existem, que se acendem. E um carro deste tamanho não passa despercebido. Uma atrevida. Louca. Burra. Buzinas furiosamente, sem queres saber que seja proibido. Que se lixe. Desabafas.

Felizmente escapou-se, a malvada da velha. Agora é só meter primeira, manobrar a direcção e ala, que se faz tarde.

Mas qual quê! Os carros passam numa bicha contínua sob a chuva, abrandam, quase param, mas parar não é com eles. Nenhum se digna dar-te tempo para entrares na bicha. Tens o pisca-pisca a funcionar. Desces o vidro, e, apesar da chuva, estendes o braço numa ordem, numa súplica. Espera lá! Param tanto como tu pararias. E, além dos carros, nada interessados em que queiras desparcar, ou não, os malvados peões pulam por toda a parte de guarda-chuva em riste, passam-te por trás e pela frente, é um inferno. E tem de se gramar isto assim, não há remédio. Senão «alto lá!», apitos, que atropelaste um homem, uma criança, o raio que os parta a todos.

Agora. Calma. Tens espaço e talvez tempo. Não demores, aproveita. Claro que tu aproveitas, sem pensares mais nessa gatinha aí, que te insulta, berra, mas que é que os gajos querem?

Tinha graça. Se ias perder a oportunidade a uma hora destas, com o atraso que levas, a Joana lá em casa, já aflita com certeza.

Salpicas gente, é chato. Mas por que é que há tantas poças nestas ruas? E as pessoas? Por que é que se põem as pessoas mesmo ao pé das poças? Até parece que gostam. Olha a gaita! Pagas os teus impostos, pagas o selo do carro, pagas a gasolina pelo preço que se sabe, pagas cada vez mais na oficina. Tens de ter algum direito, não?

Pelo menos, o de poderes andar sem teres de parar constantemente. Bem bastam os sinais vermelhos. Levarão mesmo tanto tempo só para os carros? Devia haver uma lei mais ou menos assim: «Nas horas de ponta, sobretudo quando chove, é proibido aos peões atravessar as ruas de grande movimento». De grande movimento? Qual grande movimento! Lá vinham os abusos. Grande ou pequeno, pronto. Com uma só excepção: nos cruzamentos.

1980